

MOVIMENTOS JUVENIS DE 1968: UMA ONDA MUNDIAL DE REVOLTAS¹

Young movements of 1968: a worldwide wave of revolts

Luís Antonio GROPPPO²

RESUMO

O texto apresenta 1968 como uma onda mundial de revoltas das juventudes, onda cujo cerne foi uma confluência entre questões políticas e questões culturais – uma “síntese” entre terceiro-mundismo, novas esquerdas e contraculturas. Seu conteúdo se desenvolve a partir dos seguintes pontos: o caráter juvenil de 1968; o caráter mundial das revoltas e das “causas” de 1968; o Terceiro Mundo e o Segundo Mundo em 1968; principais fontes ideológicas e pragmáticas; e as formas de organização e motivações dos rebeldes. Como conclusão, indica que as promessas “não-cumpridas” desta onda rebelde devem ser repensadas no sentido de motivar novas revoltas contemporâneas em prol da emancipação humana.

Palavras chave: 1968, Movimento estudantil, Juventude, Novas esquerdas, Terceiro mundismo, Contracultura

ABSTRACT

The text presents 1968 as a world-wide wave of revolts of youths, wave whose center was a confluence between cultural questions and politic questions - a “synthesis” between third-mundism, new left and contraculture. Its content develops from the following points: the youthful character of 1968; the world-wide character of the revolts and the “causes” of 1968; the Third World and the Second World in 1968; main ideological and pragmatic sources; and the organization and motivations of the rebels. As conclusion, it indicates that the “not-fulfilled” promises of this rebellious wave must be thought in the direction to motivate new revolts contemporaries from the human emancipation.

Keywords: 1968, Student movement, Youth, New Left, Third World, Contraculture

¹ Texto apresentado em forma de palestra em 9/junho/2008 para o curso de graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

² Doutor em Ciências Sociais. Professor do Programa de Mestrado em Educação do Unisal (Centro Universitário Salesiano de São Paulo). Autor de *Uma onda mundial de revoltas: movimentos estudantis de 1968* (Editora Unimep, 2005) e *Autogestão, universidade e movimento estudantil* (Autores Associados, 2006), entre outros.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto é apresentar e discutir teses que descrevem 1968 como uma onda mundial de revoltas das juventudes, onda cujo cerne foi uma confluência entre questões políticas e questões culturais – uma “síntese” entre terceiro-mundismo, novas esquerdas e contraculturas. Seu conteúdo se desenvolve a partir dos seguintes pontos: o caráter juvenil de 1968; o caráter mundial das revoltas e das “causas” de 1968; o Terceiro Mundo e o Segundo Mundo em 1968; principais fontes ideológicas e pragmáticas; e as formas de organização e motivações dos rebeldes.

CARÁTER JUVENIL DE 1968

Os movimentos de 1968 – ano que foi, na verdade, auge de uma onda de revoltas que abrangeu praticamente toda a década de 1960 – tiveram uma notável diversidade regional e nacional e mesmo notável diversidade nos tipos de revolta. Foram estudantis, contraculturais, nacionalistas, operárias, guerrilheiras, étnicas e, logo, feministas e ecológicas. A juventude, real ou presumida da maioria dos participantes destas revoltas, ou ao menos a juvenildade que deu o tom de boa parte dos protestos, foi o principal denominador comum desta onda. A juventude pode ser identificada como o elemento unificador e caracterizador das revoltas de 1968.

É importante, contudo, precisar melhor o que se apresenta acima como “juventude”. Trata-se de um conceito sociológico que se refere a uma categoria social – a juventude, parte ela própria da estrutura de categorias etárias – que é um componente do edifício das sociedades modernas e contemporâneas. Ao mesmo tempo, o que temos realmente é uma diversidade de juventudes. A juventude cabe bem melhor no plural que no singular, certamente, já que para compreender as juventudes é preciso correlacionar a chamada condição juvenil com outras categorias sociológicas, tais como classe social, nacionalidade, gênero, raça e etnia, condição urbana ou rural, religiosidade etc.

A condição juvenil, que atravessa as diversas juventudes, por sua vez, é dialética. Dialética, pois se refere a um conjunto de indivíduos reunidos por instituições socializadoras cuja função é a “integração social”; esta reunião, contudo, torna possível a criação de identidades, valores e práticas que podem se apresentar como alternativas e até mesmo rebeldes em relação aos valores vigentes. A condição juvenil também é dialética pois, segundo Marialice M. Foracchi (1972), se trata de uma relação experimental com os valores e com os fundamentos da realidade; neste momento, ainda está a sedimentar-se tais valores e fundamentos na consciência e identidade; segundo Karl Mannheim (1982), é na juventude que pela primeira vez os indivíduos podem defrontar-se, racionalmente, com o cerne dos valores que sustentam a ordem social vigente – assim como podem rejeitar parcial ou totalmente tais sustentáculos.

1968 foi uma onda mundial de revoltas que teve como seu principal combustível a rebeldia que emergiu, de modo inesperado e flamejante, desta dialética condição juvenil, desta possibilidade de as juventudes, reunidas em prol da integração social e acolhimento passivo dos fundamentos da ordem social vigente, subverterem por completo o motivo pelo qual foram acolhidas em instituições socializadoras tais como escolas, grupos juvenis religiosos e políticos de diversas ordens e, em especial a partir dos anos 1960 entre as chamadas “classes médias”, as universidades.

CARÁTER MUNDIAL DE 1968

O segundo aspecto que gostaria de destacar é o caráter mundial de 1968. Na verdade, o que possui caráter mundial é toda a onda de movimentos juvenis ao longo dos anos 1960. Onda que se iniciou, provavelmente, com os protestos estudantis na América Latina e na Ásia – em 1958 e 1959 – contra a visita do presidente e vice-presidente dos Estados Unidos a diversos países do “Terceiro Mundo” (Mills, 1961), ou, talvez, com a Revolução Cubana de 1959. Onda que atingiu seu auge e caráter mais mundial justo no ano chave de 1968. Onda que, enfim, parece ter atingido seu ponto final, ainda que culminante em números absolutos dentro de uma nação, na greve nacional de estudantes nos Estados Unidos em 1970.

O caráter mundial de 1968 se insinua no fato de não ter sido exclusivo de nações do chamado Primeiro Mundo – onde, contudo, pareceu mais característico e até mais generalizado, em países como Estados Unidos, França, ex-Alemanha Ocidental, Itália, Inglaterra etc. Ele ocorreu com força também em nações do Terceiro Mundo, em especial contra o capitalismo imperialista capitaneado pelos Estados Unidos, afora questões locais (geralmente lidas como derivadas daquele imperialismo), seja na América Latina (Brasil, México, Argentina, Uruguai etc.), seja na Ásia (Sri Lanka, Bangladesh, Índia etc.), seja na África (em especial no Egito). O que poderia denotar uma onda mundial anticapitalista, porém, encontra sua complexidade ainda maior quando nos deparamos com a força de movimentos estudantis no então chamado Segundo Mundo, em nações socialistas vivendo à sombra do Império Soviético: ex-Iugoslávia, Polônia e ex-Cecoslováquia, ou em uma nação que já entrara em rota de choque contra a União Soviética, mesmo se autodenominando também como socialista: China. A revolta adquiriria não apenas um caráter anti-capitalista e anti-imperialista, mas também contrário a formas burocráticas de socialismo.

Mas, sobretudo, a sua generalidade e complexidade fizeram da onda de revoltas dos anos 1960 parecer uma galáxia de contestações, uma totalidade complexa que, assim analisada, contribui para melhor compreender as suas partes. Longe estamos de uma conspiração internacional. Quase nada se observa em 1968 que o assemelhe a um movimento mundialmente coordenado, já que as organizações dos rebeldes eram nacionais e muitas vezes até locais. O que temos, na verdade, é um “todo” formado pelo conjunto dos movimentos e pelos elementos que fizeram as revoltas detonar – elementos também de caráter transnacional.

Temos, então, que os elementos explicativos de 1968, os quais compõem o contexto que detonou as revoltas, também têm em boa parte um caráter mundial. Alguns deles se destacam: a Guerra Fria, a Descolonização, a Era de Ouro da economia mundial, a massificação do ensino superior e a iminência da crise do compromisso fordista. Gostaria de comentá-los brevemente.

A Guerra Fria colocou diante de si duas superpotências – Estados Unidos e ex-União Soviética –, dois sistemas sócio-econômicos pretensamente distintos – capitalismo “democrático” e “socialismo” de tipo

soviético – e o Oeste versus Leste. Os dois blocos de nações angariados pelas superpotências foram vitimados por guerras localizadas e indiretas, intervenções das superpotências nos destinos de cada nação, submetidas todas que estavam a uma divisão geopolítica na qual todo conflito local era tratado como questão mundial pelas superpotências. O mundo foi arrastado não apenas para uma corrida espacial que trazia a reboque a propaganda sobre qual era o sistema mais eficiente – tanto quanto o desenvolvimento de foguetes intercontinentais –, mas também para uma corrida nuclear. Uma “espada afiada” parecia pairar acima da cabeça de todos, naqueles tempos em que vigorava uma verdadeira “ordem” irracional no planeta. A irracionalidade do mundo não poderia deixar de ser percebida e negada por uma geração nova que ainda não internalizara aquela situação como “normal” em suas consciências. A estupidez da Guerra Fria, ao longo dos anos 1960, em especial através do evento Guerra do Vietnã, se encontrava com a relação experimental com os valores e a realidade, típica da condição juvenil.

Um segundo complexo de elementos sócio-históricos foi a Descolonização, que significou, por um lado, contestações da ordem colonial e subversão do mapa-múndi imperialista. Foi, deste modo, um desafio à suposta primazia da civilização ocidental. Por outro lado, significou o drama das lutas pela libertação nacional, bem como o drama das guerras civis e das crises sócio-econômicas que se seguiram às independências. Enfim, a descolonização significou o apogeu de ideologias e práticas que motivaram os rebeldes em todo os três mundos, tais como terceiro-mundismo, mobilização de massas populares, resistências não-violentas, resistências violentas, guerrilhas, luta armada e socialismos alternativos.

Um terceiro elemento foi a Era de Ouro da economia mundial, entre o final da Segunda Guerra Mundial e o início dos anos 1970. Foi uma época de enriquecimento econômico nos três mundos, em especial no Primeiro, o que significou para muitos e em muitos lugares uma certa superação da “economia da escassez” e a possibilidade de políticas sociais redistributivas e de “bem-estar”, dando origem aos chamados Estados “interventores” (como os de Bem-Estar social, socialista e desenvolvimentista). Significou a possibilidade de demandas de bem-estar não só quantitativas, mas também qualitativas, em torno da

qualidade da existência e do significado da vida (em especial feitas por movimentos juvenis). Significou também a possibilidade de demandas por mais controle dos processos produtivos, como ficou patente nos movimentos operários de 1968 na França (na esteira de Maio de 68) e de 1969 na Itália.

O quarto elemento foi a Massificação do ensino superior. Milhões de jovens acorreram às universidades e outras instituições de ensino superior, ao longo dos anos 1960, fenômeno que teve continuidade ainda mais acentuada nas décadas seguintes. Este fato redundou numa das principais crises da Universidade moderna. Crise que se anuncia com a resistência “elitista” dos que viam o ensino superior como mero formador de elites restritas e iluminadas, mas ganha força ainda mais quando se torna clara a necessidade de readequar ensino e estrutura institucional diante da massificação e, principalmente, diante da pressão das novas necessidades de qualificação da economia industrial. Tal crise da universidade e seus elementos foram intensamente debatidos antes e durante os movimentos estudantis de 1968, por aqueles que foram então levados a esta instituição socializadora da juventude. A massificação do ensino superior significou também a expansão em número das juventudes, tanto quanto o aumento da duração do próprio tempo da juventude para outras classes sociais mais (não apenas as elites). Significou a formação da própria “massa” juvenil que se rebelaria ao longo dos anos 1960.

O último elemento que trago, entre os que contribuem para entender o caráter mundial de 1968, é o anúncio da crise do compromisso fordista. 1968 foi o principal signo do anúncio de uma crise iminente, do colapso de um próprio modo de ser da economia industrial – diante do qual o capitalismo teria de se metamorfosear e o socialismo soviético não iria suportar. O compromisso fordista, pacto mais tipicamente firmado no Primeiro Mundo – ainda que quase sempre de modo tão somente tácito – significava, de um lado, concessões de benefícios (direitos de bem-estar quantitativo) aos trabalhadores assalariados; de outro, a disciplina por parte da classe trabalhadora, a aceitação da heteronomia no processo produtivo. Como dito, porém, pressões pelo controle do processo de produção por jovens operários, bem como por bem-estar mais qualitativo por movimentos juvenis, anunciavam o

rompimento deste pacto, primeiro por parte dos que deviam aceitar – no presente ou no futuro próximo – aquela obediência fatalista. O pacto se rompe definitivamente a partir de 1971-73, com o fim dos Anos Dourados da economia mundial, com a crise da economia industrial anunciada com o fim do padrão-ouro para o dólar e iniciada com o Choque do Petróleo. A superação do compromisso fordista encaminhou o sistema capitalista para sua reciclagem como capitalismo de tipo flexível (em vez de fordista), neoliberal (em vez de intervencionista) e global (em vez de nacional ou internacional). 1968 anunciou a crise que daria origem ao mundo em que hoje vivemos.

É importante, contudo, não terminar este item sem fazer o alerta sobre a importância dos condicionantes regionais e nacionais dos movimentos de 1968. A compreensão das especificidades – enormes e inúmeras – de cada movimento passa pela compreensão de fatores nacionais e pelo próprio histórico particular de cada país onde se deu cada revolta. É verdade, é possível estudar tais revoltas a partir de fatores e histórico focados em um país, por exemplo, relacionando o movimento brasileiro com a realidade do Regime Militar, a Guerra do Vietnã com a nova esquerda norte-americana, o Regime Gaullista com o Maio de 68 na França, a crise econômica e política mexicana com a Noite de Tlatelolco, as ingerências soviéticas com a Primavera de Praga etc. E é isto que a maior parte dos estudos sobre 1968 faz, em geral muito bem. Porém, no meu entender, parece que se perde ou não se percebe o muito que há em comum nesta série de revoltas, o quanto elas configuram um “bloco”, uma “totalidade”, uma “onda”

TERCEIRO MUNDO

Neste item, proponho que seja considerada a primazia do Terceiro Mundo no despontar da onda mundial de revoltas dos anos 1960.

É claro, é preciso reconhecer o caráter mais nacional, “fechado”, dos movimentos de estudantes e de outros rebeldes nos países do continente asiático, africano e latino-americanos nesta década. Isto indica relativa independência destes movimentos juvenis do Terceiro Mundo em relação aos do Primeiro Mundo,

fortalecendo, de certo modo, a posição dos que defendem a irredutibilidade nacional de cada movimento estudantil de 68, tanto quanto enfraquecendo algumas interpretações conservadoras de 68 que consideram que, no Brasil tanto quanto noutros países do Terceiro Mundo, o que se fez foi tão somente imitar toscamente a nova moda de Paris.

Ambas as posições acima parecem limitadas. Contra os conservadores, parece claro que o movimento de 68 no Terceiro Mundo não precisou aviso algum do Primeiro Mundo para começar. Para ficar num exemplo, o movimento de 68 começou no Brasil no final de março, meses antes do Maio de 68 francês. Quanto aos que defendem a independência de cada movimento, mesmo diante da forte evidência da justaposição no tempo de tantas revoltas similares, sugiro que é preciso considerar que a influência ideológica e pragmática – para que uma onda mundial de revoltas assim se configure – não precisa vir necessariamente do pólo “desenvolvido” para o “subdesenvolvido”. Pode acontecer o contrário. E foi muito disto o que aconteceu em 1968.³ Digo muito, mas nunca tudo, pois, por exemplo, o movimento estudantil de Berlim Ocidental tem suas origens também no início da década de 1960; porém, justamente o grande tema mobilizador dos estudantes em Berlim, ao lado da questão universitária, foram as lutas pela descolonização e antiimperialistas.

Deste modo, é certo considerar que revoltas de 1968 no Terceiro Mundo, como as do Brasil e do México, se explicam e começam mesmo de modo autônomo em relação às do Primeiro Mundo. Contudo, é também correto considerar que a influência maior veio no sentido contrário ao do que o senso comum parece esperar. O Primeiro Mundo, em parte menor o Segundo, teve nas revoltas do Terceiro Mundo, incluindo as estudantis, um poderoso exemplo e fonte generosa de ideologias e práticas de contestação.

O SEGUNDO MUNDO

Os anos 1960, 1968 em particular, foram também os anos de movimentos estudantis nos países socialistas, do então chamado “Segundo Mundo”.

Destaco inicialmente países do “Leste Europeu” de outrora, em especial Polônia, ex-Iugoslávia e ex-Cecoslováquia, porção européia que vivia na órbita da União Soviética – um pouco menos no caso da ex-Iugoslávia – e sob regimes político-econômicos comunistas de tipo soviético. Nos três países supracitados, o movimento estudantil foi o principal ou um dos principais movimentos da sociedade civil contra o burocratismo, o fechamento político e as contradições econômico-sociais dos sistemas centralizados no Estado – leia-se, no Partido Comunista nacional. A Polônia e a ex-Iugoslávia assistiram aos seus próprios governos reprimindo os movimentos, ainda que com certa ambigüidade na Iugoslávia, onde os estudantes carregavam cartazes com fotos do próprio dirigente, Tito, mas quando este era jovem. Já a Checoslováquia viu os movimentos sociais ganharem enorme amplitude após mudanças na direção do Partido Comunista, quando assumiu o poder Alexandre Dubcek, o qual apelou à própria mobilização popular para fazer valer o que denominou de “socialismo de face humana”. Era a Primavera de Praga se iniciando, a qual a invasão das tropas do Pacto de Varsóvia – ou seja, a União Soviética – tentaram por fim, levando à nova e inesperada resistência da sociedade civil que, entretanto, foi aos poucos se esgotando e malogrando em severa penalização de milhões de cidadãos.

Foram tentativas malsucedidas de construir um socialismo mais democrático, talvez até de encontrar saídas políticas e econômicas para as terríveis crises que se anunciavam no antigo Segundo Mundo e que logo se abateriam contra suas populações e regimes. Não se tratavam de revoltas pró-capitalistas. Foi, segundo Marco Aurélio Garcia (abr./jun de 1988), a oportunidade perdida pelo comunismo soviético de tornar-se de algum modo democrático. Isto é atestado inclusive pelos movimentos da sociedade civil nestes e outros países do Leste Europeu e na própria União Soviética, no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, em torno da aclamada Queda do Muro de Berlim, que teriam um tom bem mais anticomunista e até, em muitos casos, ingenuamente pró-capitalista.

Além do Leste Europeu, há de se considerar os socialismos no “Terceiro Mundo”, que foram tão

³ Sobre a precedência no tempo, já foi citada aqui mesmo a Revolução Cubana de 1959, bem como os protestos estudantis em 1958 e 59 contra a visita do presidente norte-americano Eisenhower a países da Ásia (em especial, o Japão, país que ainda estava relativamente longe de ser re-incluído entre as grandes potências econômicas mundiais), bem como contra a viagem do vice-presidente Nixon a países da América Latina.

importantes quanto os primeiros e provavelmente bem mais influentes – como ideologia e práxis rebelde – para a onda mundial de revoltas de 1968. Temos aqui a luta dos comunistas vietnamitas contra os norte-americanos, no contexto da Guerra do Vietnã, lida mundo afora principalmente como uma resistência terceiro-mundista contra a ingerência do imperialismo ianque. Mas, em especial no tocante à influência ideológica, a Revolução Cubana e a Revolução Cultural Chinesa.

A Revolução Cubana, vitoriosa em 1959, de certo modo dando início aos anos rebeldes que invadiriam a década de 1960, colocou no poder Fidel Castro, líder de uma guerrilha que acabou sendo uma das principais forças na derrubada de Fulgêncio Batista. Segue-se o embargo dos Estados Unidos e a busca, por Fidel e seu governo, do apoio da União Soviética, o que redundou numa aproximação mais forte do regime ao socialismo. Dar-se-ia origem a inúmeros produtos rebeldes: apoio e inspiração a inúmeras guerrilhas mundo afora, em especial na América Latina; o mito do Che Guevara, morto nas selvas bolivianas em 1967; e a teoria do foco, que considerava que mesmo um pequeno grupo de guerrilheiros aguerrido, voluntarioso, poderia ser o foco a ativar a revolução popular (Débray, 1967).

A Revolução Cultural Chinesa foi um dos mais espetaculares, contraditórios e terríveis eventos da onda mundial de revoltas. Iniciado no final de 1965, foi um movimento de massas estudantis (em geral, de Ensino Médio) estimulados pela facção do Partido Comunista controlada por Mao Zedong – contra a facção então dominante, liderada pelo presidente chinês, Liu Shaoqui. Os estudantes rebeldes, logo também pela facção de Liu Shaoqui – cada facção procurava proteger seus partidários, ainda que todos evocassem inspiração em Mao! - ficaram conhecidos como Guardas Vermelhos. Em certo momento, em especial durante 1967 e nas universidades em 1968, a mobilização social saiu um tanto quanto fora do controle das próprias facções do partido, engendrando uma quase guerra civil em algumas localidades em 1967 e entre estudantes universitários de Pequim em 1968. Ainda em 1968, a Revolução Cultural se tornaria uma violenta repressão do Exército contra tais estudantes, em especial após Mao recuperar seus poderes na China. Entre 400 mil e 1 milhão de pessoas foram vitimados

por esta Revolução, incluindo mortos, presos ou levados a colônias de trabalho rural.

Porém, para os jovens rebeldes mundo afora, a Revolução Cultural Chinesa, o maoísmo e os Guardas Vermelhos foram lidos como o principal exemplo, ao lado de Che Guevara, da necessidade da luta abnegada, radical e decidida contra os “inimigos” sustentadores do sistema. Foram feitas então, inclusive graças à propaganda oficial chinesa, leituras enviesadas da Revolução Cultural, praticamente omitindo qualquer fato relativo ao período da repressão aos próprios Guardas Vermelhos (entre 1968 e 1969). Tal Revolução foi sempre lida muito mais como um mito do que em suas contradições e em seu caráter repressivo. Foi uma das principais fontes ideológicas da onda mundial de revoltas, na figura mesma de um mito.

FONTES IDEOLÓGICAS E PRAGMÁTICAS

Considero que foram três os principais conjuntos de influências ideológicas e pragmáticas (na figura de formas de revolta) para a onda mundial de revoltas de 1968: terceiro-mundismos, novas esquerdas e contraculturas.

No conjunto dos terceiro-mundismos, temos, de início, ideologias e estratégias de luta anti-colonial – oscilando entre a resistência não-violenta representada por Gandhi (que seria retomada pelo movimento negro norte-americano pelos direitos civis, liderado por Martin Luther King) e a luta armada representada por Patrice Lumumba no Zaire. Em seguida, a proposta de não-alinhamento, proposta pela Conferência de Bandung e que deu origem ao termo “Terceiro Mundo”, ou seja, a proposta de se firmar um bloco de países que não eram alinhados nem ao capitalismo norte-americano nem ao socialismo soviético. Se muitos movimentos e grupos estudantis, ao longo dos anos 1960, tiveram este tom de não alinhamento marcante em sua práxis, entretanto, seria mais característico em 1968 o terceiro-mundismo socialista, influenciados basicamente por Cuba e China. A Cuba de Fidel Castro, do mito do Che e do foquismo. A China de Mao Zedong, da Revolução Cultural Chinesa e dos Guardas Vermelhos.

Os socialismos terceiro-mundistas foram, na verdade, uma interseção entre estes dois conjuntos ideológicos: os terceiro-mundismos e as novas esquerdas. Foram parte de uma série de socialismos “alternativos” ao oficial de tipo soviético, incluindo também o trotskismo e outras dissidências mais recentes dos Partidos Comunistas Soviéticos nacionais. Entre as novas esquerdas, ainda que com menos força ao longo dos anos 1960, é preciso citar os anarquismos – presentes muito mais em “espírito” que como ideologia consciente ao longo da década rebelde – e os socialismos cristãos. E, enfim, as novas esquerdas européias, influenciados por pensadores da Escola de Frankfurt – em destaque, Herbert Marcuse –, Jean-Paul Sartre, C. Wright Mills e outros, na figura de jovens pensadores esquerdistas manifestando-se em publicações diversas.

O terceiro conjunto é formado pelas contraculturas. No seu sentido mais estrito, a contracultura se refere aos beatniks, hippies, à psicodelia e ao rock psicodélico, localizados especialmente na América do Norte. Mas me refiro aqui à contracultura em seu sentido mais lato, denotando não apenas tais movimentos e expressões, mas outros que carregavam em comum certa revolta comportamental ou a prática alternativa das artes. Na revolta comportamental, aproximações e experiências no campo da liberdade sexual, do uso de drogas e na libertação dos comportamentos. Nas artes, experiências alternativas no campo do teatro, música, cinema, produção de cartazes, caricaturas, poesia etc.

Se parece mais clara a proximidade entre novas esquerdas e terceiro-mundismo, com o exemplo dos socialismos alternativos reverberando nas páginas anteriores, entretanto, creio que a confluência de ambos com as contraculturas foi uma característica ainda mais profunda ao longo dos movimentos rebeldes dos anos 1960. Uma análise breve sobre as organizações estudantis e as motivações dos estudantes rebelados ajudará, a seguir, a mostrar a realidade desta confluência, apesar de sua relativa inconsciência.

ORGANIZAÇÃO E MOTIVAÇÃO

Foram diversas as formas de organização dos movimentos estudantis em 1968. Muitas vezes, como

no Brasil, México, França e Estados Unidos, a organização declarada do movimento muito mais era levada pelos fatos do que era a genitora dos acontecimentos... Ainda assim, serviram, tais entidades, como forma de expressão de diversas idéias, ideais e bandeiras de luta dos movimentos que diziam representar. Houve organizações oficiais dos estudantes, como a UNEF (União Nacional dos Estudantes Franceses), assim como organizações “semi-oficiais” como a UNE (União Nacional dos Estudantes) no Brasil – que havia sido declarada ilegal pelo Regime Militar. Também, organizações pouco institucionalizadas, como o CNH (Conselho Nacional de Greve) no México, que funcionava na base de assembléias reunindo seus quatrocentos delegados.

Ao lado destas entidades, ou dentro destas, ou mesmo buscando controlar estas organizações maiores, tivemos organizações da “nova esquerda”, em geral informadas pelos socialismos ortodoxos, como trotskismo, maoísmo, foquismo e dissidências dos partidos comunistas sob influência soviética. Em geral, eram pequenas e aguerridas, com militantes que buscavam deter postos-chave de comando das organizações acima citadas.

Mas também havia outro tipo de grupos estudantis ainda mais heterodoxos, principalmente nos Estados Unidos e França. No caso dos Estados Unidos, sob grande influência da contracultura, como o YIP (Partido Internacional da Juventude) – os “yippies”. Na França, além da própria contracultura, houve a influência do anarquismo – como o Grupo 22 de Março, de Daniel Cohn-Bendit, que acabou dando início ao movimento de Maio – e de vanguardas artísticas, como o situacionismo de Guy Debord. Foi provavelmente do grupo situacionista que surgiram as mais provocativas pichações do Maio de 68, tais como “A imaginação no poder” e “Aquele que fala da revolução sem mudar a vida cotidiana tem na boca um cadáver”. Um destes grupos, que muitas vezes estava bem mais afim às motivações da massa estudantil que os mais barulhentos grupos de socialistas heterodoxos, foi o Comitê de Ação Freud-Guevara, que afirmou em um panfleto:

A luta deve ter como seu objetivo final o estabelecimento de um sistema socialista no qual, através da destruição de barreiras, a criatividade de cada indivíduo seja liberta.

Este objetivo implica uma revolução não apenas nas relações de produção, mas também no modo de vida, nas maneiras de pensar, nas relações humanas e no conceito da vida sexual como um todo (apud Groppo, 2005, p. 260).

Por outro lado, o que muitas vezes se viu no interior das organizações estudantis, foi uma contradição, um descompasso entre a concepção que os militantes tinham do movimento e o que o próprio movimento era. Um relato de um militante de organização estudantil socialista no Brasil indica as contradições entre as motivações dos dirigentes do movimento para com a “massa” dos estudantes mobilizados:

Éramos dirigentes de um movimento de massa que se alimentava de descontentamentos vários e da ampla rejeição que o comando arbitrário dos militares provocava. Mas tínhamos [...] uma concepção estratégica que nos levava à outra coisa: à luta armada, pelo socialismo. Nas proposições estratégicas que habitavam a maior parte da esquerda [...], não havia espaço muito grande para um movimento de massa urbano com as características do nosso. Havia um descolamento entre a radicalidade do movimento estudantil, que em parte era informada pela ação provocativa, ação incisiva, enfática de suas lideranças, e as concepções mais gerais que essas próprias lideranças tinham a respeito de seu papel e de onde se deveria chegar (S. Velasco apud Groppo, 2005, p. 123).

Por outro lado, nos seus relatos a posteriori, abundam entre as memórias dos líderes e militantes das organizações estudantis brasileiras de 1968 registros sobre a confluência entre as práticas políticas de resistência e as práticas contraculturais:

(1968) foi o ano em que experimentamos todos os limites, em que as moças começaram a tomar pilulas, que sentamos na Rio Branco,

que fomos para as portas das fábricas, que redefinimos os padrões de comportamento (C. Telles apud Groppo, 2005, p. 115).

Queríamos nos libertar individualmente, nos libertar politicamente, enfim, queríamos todas as formas possíveis de libertação e de contestação. Porque, ao mesmo tempo que isso tudo acontecia no plano do combate à ditadura militar, uma série de outras coisas importantíssimas aconteciam nas nossas vidas. Era um momento de descoberta, de mudança completa dos padrões de comportamento (A. Sirkis apud Groppo, 2005, p. 115).

CONCLUSÃO

Encerro este breve texto sobre 1968 registrando que este trabalho visa apenas ser uma apresentação panorâmica, ampla talvez por demais, sobre o que chamei de onda mundial de revoltas de 1968. Espera-se que os leitores ainda pouco versados sobre o assunto sintam-se estimulados a buscar mais informações, outras interpretações sobre o assunto, que se sintam tentados a compreender os rebeldes de outrora para serem os bons rebeldes de hoje.

Desejo quase encerrar o texto registrando, com muita brevidade, o que foram, ou são, as “promessas não-cumpridas” de 1968. Muitos consideram, provavelmente com justeza, que 1968 teve algumas vitórias no campo do comportamento, no campo da cultura, mais do que no campo político. Registra-se em especial, como se viu nos relatos acima, o aumento da liberdade no campo da sexualidade e certo relaxamento do exercício da autoridade no campo da vida privada, como a paterna e a professoral. Por outro lado, menos “liberdade” se conquistou no campo das drogas.

Mas são muitas as “derrotas” ou promessas não-cumpridas de 1968, algumas até envolvendo parte das “vitórias” acima indicadas. Algumas promessas se derrotaram pela repressão, em especial as demandas pela democratização em ditaduras militares (como no Brasil) ou em quase-ditaduras civis (como no México), bem como demandas por formas mais democráticas de

socialismo (no caso do Leste Europeu). Outras derrotas se deram pela “reciclagem”, ou seja, pelo redirecionamento de energias libertárias, no campo do comportamento, para o consumismo. Enfim, derrotas que se deram via cooptação, em especial duas: a transformação das artes contraculturais em produtos das indústrias culturais; o uso, readaptado e desradicalizado, de formas de organização coletiva ensaiadas pelos movimentos juvenis, tais como a ocupação de faculdades e as práticas de autogestão nas unidades educacionais e produtivas (em especial, em 1968 na França) – tais formas foram cooptadas pelo capitalismo em fase de flexibilização, diante da necessidade de romper com as práticas fordistas que sustentavam o capitalismo anterior.

Enfim, encerro este breve texto remetendo-me à idéia de que 1968 não continha, de modo determinista, tão somente a necessária perversão de suas promessas libertárias. Ele expressou e fez valer, nos comportamentos rebeldes, modos de ser e pensar que poderiam ter se efetivado – e que, em muitos pontos, ainda podem e até devem ser. Resgatar do passado o futuro não realizado, como já preconizava Walter Benjamin, é sumamente importante para retirar do presente outros futuros alternativos. Revirar ruínas, seguir rastros, delirar sobre vestígios...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEBRAY, Régis. **Revolução na revolução?** Havana: Casa de las Américas, 1967.

FORACCHI, Marialice M. **A juventude na sociedade moderna.** São Paulo, Pioneira, 1972.

GARCIA, Marco Aurélio. Praga – 1968, trinta anos depois. *Sociedades em transformação*, Boletim Trimestral do Centro de Estudos sobre Países Socialistas em Transformação, São Paulo: Universidade de São Paulo, ano IV, n. 4, abril/junho de 1998, p. 2-5.

GROPPO, L. A. **Uma onda mundial de revoltas: movimentos estudantis de 1968.** Piracicaba: Editora Unimep, 2005.

_____. **Autogestão, universidade e movimento estudantil.** Campinas: Autores Associados, 2006.

MANNHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações, In: Marialice M. FORACCHI (org.). **Mannheim.** Sociologia. Tradução de Cláudio Marcondes, Coleção Grandes Cientistas Sociais – 25, São Paulo, Ática, p. 67-95, 1982.

MILLS, C. Wright. **A verdade sobre Cuba.** Rio de Janeiro: Zahar, 1961.

